

GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA MUNICIPAL VILA GOIÁS/SERRA DO MEL-RN ¹

Dariana Maria Silvino ²
Euza Raquel de Sousa ³

RESUMO

O espaço escolar pode vir a reproduzir diferenças existentes pelas construções desiguais de gênero. Assim, a proposta desse trabalho foi verificar como se constitui a discussão de gênero e sexualidade na visão das docentes na Escola Municipal Vila Goiás/ Serra do Mel-RN. Deste modo, no objetivo geral almejou investigar a realidade docente no ensino de gênero e sexualidade, no intuito de compreender de que maneira professoras (re) produzem ou não comportamentos sexistas no ensino e identificando possíveis diferenças educacionais existentes pela desigualdade de gênero. Em síntese, trata-se de uma pesquisa qualitativa, abordando um estudo de caso, havendo utilizado diversas ferramentas na coleta de dados, como as entrevistas semiestruturadas e questionários, para balizar na fundamentação teórica a pedagogia histórico crítica. Em resumo, a reflexão poderia ser melhor compreendida, se houvesse para as professoras, cursos, capacitações, palestras, maior diálogo por parte da gestão municipal que aborde em sala de aula reflexões transversais. A temática de gênero, ainda se faz, de certa maneira distante do contexto das professoras.

Palavras-chave: GÊNERO, SEXUALIDADE, ESCOLA.

1 INTRODUÇÃO

O movimento feminista vem defendendo que a discussão de gênero, sexualidade e diversidade sexual sejam incluídas no âmbito educacional. Assim, a escola enquanto uma das primeiras formas de convívio social, muitas vezes, pode conter papéis sociais postos para meninas e meninos, que pode reproduzir desigualdades, diferenças existentes no âmbito educacional por uma provável educação sexista⁴. Desta forma, o artigo tem por tema: Gênero e Sexualidade na Educação Infantil. Propondo responder a seguinte problemática: Como se

¹ Parte da discussão no artigo é fruto do projeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC.

² Bacharela em Serviço Social. Pós-Graduanda em Educação e Contemporaneidade, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte-IFRN, Campus Mossoró, e Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo-PPGNEIM na Universidade Federal da Bahia-UFBA.

³ Orientadora, Filósofa, Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte-IFRN, Campus Mossoró, Mestrado em Filosofia, Ética e Filosofia Social e Política.

⁴ É um tipo de educação onde se utiliza de determinadas diferenças biológicas, físicas para justificar desigualdade e hierarquia existente entre os meninos e meninas no espaço escolar. Para mais informações ver Moreno (1999).

constitui a discussão de gênero e sexualidade na visão das docentes na Escola Municipal Vila Goiás/ Serra do Mel-RN.

Em vista disso, no objetivo geral almejou investigar a realidade docente no ensino de gênero e sexualidade, já nos objetivos específicos, tivemos o intuito de compreender de que maneira professoras (re) produzem ou não comportamentos sexistas no ensino e identificando possíveis diferenças educacionais existentes pela desigualdade de gênero.

O tipo de pesquisa adotado foi o estudo de caso da Escola Municipal Vila Goiás. Na abordagem qualitativa com base em Minayo (2007). Utilizando diversas ferramentas para a coleta de dados, tais como as entrevistas semiestruturadas, realizada com 3 professoras⁵, conduzidas por questionários de perguntas fechadas e abertas. As entrevistas gravadas, foram transcritas no word e construído um quadro para análise das falas.

Os sujeitos da pesquisa são compostos, por 3 professoras da educação infantil e ensino fundamental. Distribuídas em: duas turmas de educação infantil, com alunos de quatro e cinco anos, uma turma multisseriada com 2º e 3º anos, bem como uma turma de 4º e 5º ano. No processo de apresentação dos dados e diálogo, as professoras foram nomeadas com pseudônimos de mulheres feministas: Simone, Ângela e Nísia⁶. O Projeto Político Pedagógico, destaca o local da pesquisa que é “A Escola Municipal Vila Goiás, tem sua localização geográfica no município de Serra do Mel, criada pelo Decreto de Lei Nº103/97 de 04 (quatro) de setembro de 1997 (Um mil, novecentos e noventa e sete)”. (PPP, 2020, p. 5).

A reflexão apresentada se fundamenta na perspectiva da pedagogia histórico-crítico, na construção do estudo de educação em gênero e sexualidade na complexidade das relações, em sua totalidade. Enquanto referencial balizar reflexivo, a pedagogia histórico-crítico ajudou no estudo do método histórico-dialético ao compreender a relação da educação em gênero relacionando aos sistemas macroestruturas, enquanto partes que se conectam nas várias determinações históricas, culturais ao influenciarem os fenômenos sociais e educacionais.

A execução da pesquisa partiu da vivência da autora na Vila Goiás, escola e também com as professoras, bem como inquietações sobre as perspectivas das docentes relacionada a abordagem. Desta maneira, a pesquisa proporcionará maior visibilidade da escola, debate no âmbito educacional, acadêmico, social, na Vila Goiás que fica localizada na zona rural.

⁵ Breve perfil socioeconômico: todas as docentes entrevistadas são casadas, têm filhos (as) e moram mais os maridos. Residem na Serra do Mel, possuem especialização e 1 mestrado. Orientação sexual heteronormativo. 3 três professoras se consideram de cor branca, e 1 uma, negra. Possuem idades entre 46-48 anos.

⁶ Inicialmente contaria com a participação de todas as 5 professoras no ensino presencial, mas o processo de complementação de dados em meio a pandemia do (COVID-19) possibilitou o estudo proposto, apenas com 3 professores.

Apresentando discussões teóricas em Scott (1987) e Silva (2007), para explicitar a abordagem de gênero, dialogando com Butler (2016), Moreno (1999) ao relacionar o contexto escolar, sexualidade Foucault (1984), além de Louro (2004) para subsidiar as reflexões dos livros didáticos. Em suma, buscou-se analisar como é constituído o processo de ensino das docentes em gênero e sexualidade. Percebe-se que a escola não se trabalha, especificamente, com questões de sexualidade, pois as docentes se sentem até mesmo confusas sobre o que venha ser o seu significado. A reflexão poderia ser melhor compreendida, se houvesse para as professoras, cursos, capacitações, palestras, maior diálogo por parte da gestão municipal que abordasse em sala de aula discussões transversais. A temática de gênero ainda se faz, de certa maneira distante do contexto escolar e das professoras. Portanto, não se tem a pretensão de esgotar o debate, esse é apenas o início de alguns apontamentos, ao instigar as inúmeras possibilidades para reflexões futuras.

2 METODOLOGIA

Devido a pandemia, o isolamento social, ocasionado pelo Novo Coronavírus (COVID-19) as escolas estão fechadas e aulas presenciais, temporariamente, suspensas. Outra realidade surge na oferta do ensino remoto emergencial, então, optou-se no tipo de pesquisa o estudo de caso da Escola Municipal Vila Goiás, trazendo assim, uma abordagem qualitativa. A reflexão aqui apresentada, parte da perspectiva de pedagogia histórico crítico na construção do estudo de gênero e sexualidade relacionado a educação, ao trazer a discussão em sua complexidade, não dissociada das relações macroestruturais e realidade social. Vindo pesquisar o universo dos sujeitos envolvidos, num contexto de experiências particulares das professoras em vivências coletivas.

A história do espaço escolar vem sendo cotidianamente construída, visto que os sujeitos envolvidos neste estudo, também estão em constante transformação. Foi utilizado diversas ferramentas na coleta de dados, como as entrevistas semiestruturadas e questionários, contendo perguntas abertas e fechadas, para auxiliar nas entrevistas semiestruturada e provocar maior interação. Os sujeitos da pesquisa são compostos por 3 professoras da educação infantil e fundamental. Distribuída em uma turma de educação infantil, de quatro anos, uma turma multisseriada⁷ com 2º e 3º ano, bem como uma turma de 4º e 5º anos. A escolha dos sujeitos tem haver com a questão de serem educadoras e trabalhar no lócus da pesquisa, e também pelo

⁷ Tipo de ensino onde uma professora ensina duas turmas diferentes, numa mesma sala.

fato de a coordenadora pedagógica do polo Goiás⁸ morar da mesma Vila, fazendo a intermediação entre pesquisadora e professoras.

Portanto, a realidade social é mais dinâmica do que se expressa, conhecendo o objeto de maneira aproximada, uma parte ao trazer a vivência das professoras e como o ensino vem sendo transmitido, ao pensar sobre questões que envolve construções de gênero, sexualidade, brincadeiras. Cabe lembrar que o Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao Comitê de Ética na Plataforma Brasil e esse artigo é parte da discussão teórica, complementação de dados da pesquisa intitulada: Educação em Gênero e Formação Docente na Escola Municipal Vila Goiás/Serra do Mel-RN. Assim, faz-se necessário a reflexão das construções de gênero, sexualidade e brincadeiras para entender o contexto atual na referida escola.

3 INTERPRETAÇÕES DO CONCEITO DE GÊNERO

Faz-se imprescindível pensar o educar para a diversidade e de gênero. As diferenças existentes não sendo atribuídas há fatores naturais, condição física, mas fruto de prováveis construções sociais desiguais. A reflexão de gênero proposta com base em Silva (2007) não centra no conceito biológico, porém abordando diversas possibilidades. Nesse contexto, vindo visibilizar os estudos de gênero nas universidades e sociedade, de acordo com Scott:

[...] O termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível) [...]. O “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do “gênero” é um aspecto que a gente poderia chamar de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980. (SCOTT, 1989, p. 6).

Na década de 1980, no Brasil, ganha maior aceitação no meio acadêmico os estudos sobre gênero através da publicação da historiadora americana Joan Scott intitulada “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”. A escritora apresenta seu entendimento, compreensão que gênero tem duas partes e subpartes conectadas, portanto afirma que “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21), onde cada sujeito pode se identificar no mundo para além de macho/fêmea, não correspondendo ou identificando,

⁸ Atendem alunos (as) que vêm das Vilas Minas Gerais e Rio de Janeiro para estudarem na Goiás, pela questão geográfica do município.

necessariamente, ao binarismo convencionado socialmente: menina/menino, feminino/masculino.

O conceito de gênero está relacionado à construção social do ser, diferentemente do que se entende por sexo, ligado ao fator biológico, por tanto percebido como natural, anatômico e determinado⁹. Nas palavras de Butler (2016, p. 13): “A complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar de discursos, com vistas a resistir à domesticação acadêmica dos estudos de gênero ou dos estudos sobre as mulheres, e a radicalizar a noção da crítica feminista”.

Assim, em determinado período os organismos internacionais convencionaram utilizar a denominação de gênero, por acreditar ser um conceito amplo, mais científico. Havendo maior aceitação, expansão nas universidades, instituições governamentais de fomento, organizações não governamentais (ONGs). Por acharem menos “ofensivo” do que utilizar o termo feminismo, que possui várias interpretações distorcidas de seu sentido social, histórico.

Então, a partir desse contexto relatado, possibilitou criar políticas públicas relacionando educação em gênero que permita outras formas de se reconhecer enquanto pessoas. A escola enquanto instituição, que contribui para o saber, muitas vezes, vindo encontrar paradigmas postos. Moreno (1999) afirma que como a sociedade é construída, pode tornar-se um espaço para prováveis produções de desigualdades educacionais:

Os livros didáticos e paradidáticos, têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos. (Um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades “características” de homens e atividades de mulheres. [...]. (LOURO, 1997, p. 74).

Os livros paradidáticos no pensamento de Louro (1997) apresentam uma visão binária, tendenciosa, de cultura conservadora, afirmando uma possível “superioridade ou inteligência dos homens”. O que deve ser levado em conta é que as pessoas possam viver numa sociedade de múltiplas maneiras, nas mais diversas concepções comportamentais. As diferenças não precisam ser entendidas quanto construção para desigualdade, entretanto na ampla diversidade, possibilidades de existência, assim, faz-se necessário o diálogo relacionado a sexualidade e diversidade sexual para situar a discussão proposta.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL

⁹ Para mais informações ver Scott (1989).

As décadas de 1960 e 1970 foi o período histórico ocidental da chamada revolução sexual e da quebra de normas sociais, com adventos científico-tecnológicos como a criação da pílula anticoncepcional e outros tipos de controle de natalidade. Além disso, o olhar sobre o sexo também passa por uma mudança, a ser não mais visto somente com o intuito de reprodução da espécie, mas possuindo uma finalidade econômica e “politicamente conservadora” (FOUCAULT, 1988, p. 38).

Em sua obra *“História da Sexualidade: a vontade de saber”*, Foucault afirma que houve, a partir dos séculos XVIII e XIX, uma ‘explosão discursiva’ em torno do sexo, há o que ele chama de proliferação discursiva em torno da sexualidade. Instituições como o direito canônico, a pastoral cristã, a lei civil e posteriormente a medicina, fixam cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito (FOUCAULT, 1988, p. 41). Aos poucos, sob o ponto de vista científico, os comportamentos sexuais que visavam o prazer, não possuindo como finalidade específica a reprodução biológica, deixariam de ser encarados como pecados contra a natureza e, gradativamente, ocupariam o lugar de anormalidades patológicas.

A medicina toma para si o discurso sobre o sexo exercendo o controle dos corpos e de práticas, buscando determinar o que seria uma sexualidade “saudável” a partir de idades, lugares, gostos e práticas, causando incitação e excitação mediadas pelas instituições. Embora os seres humanos se relacionem a partir da sexualidade, a mesma passou a ser considerada como algo que precisa ser controlada, reprimida, vigiada, representada” (FOUCAULT, p. 51, 1984).

Obviamente, existem corpos e sujeitos que escapam às normatizações vivendo nas fronteiras. É preciso admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. As certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Não há como ignorar as “novas” práticas, os “novos” sujeitos, suas contestações ao estabelecido (LOURO, 2004, p. 28-29). Tais sujeitos são vistos como desviantes e até mesmo como monstruosos. Conforme Foucault (2001), o monstro é algo extraordinário e diz respeito aos indivíduos que extrapolam o domínio estabelecido pelas normativas jurídico-biológicas. Esse desrespeito exige a adoção de outras medidas de controle, tais como o uso coercitivo de violência ou intervenção médica, por exemplo.

Por conseguinte, o indivíduo a ser corrigido, por sua vez, é uma figura no limiar da regra, por isso não chega a ser uma exceção como o monstro. Ao revés, ele faz parte do cotidiano. Esse indivíduo se caracteriza justamente pelo fracasso das tentativas de correção das instituições próximas, tais quais a escola, a vizinhança, a igreja, mas, principalmente, a família.

A criança masturbadora, por exemplo, diferente dos demais, é o elemento que expressamente demanda um controle a ser sobre a intimidade, o corpo e o exercício do prazer sexual individual. Essa não é uma violação de uma regra explícita que possa ensejar uma condenação, mas há ao seu redor uma proibição de falar sobre, mesmo que seja algo que todos façam.

As obras de Michel Foucault são, portanto, uma longa exploração da transgressão, da ultrapassagem do limite social, que se liga indissolavelmente ao saber e ao poder. Para muitos/as pesquisadores/as foi Foucault aquele que melhor nos mostrou como as práticas, os saberes e os poderes vêm funcionando, nos últimos quatro séculos, para fabricar o (s) sujeito (s) das sexualidades. Em suma, a seguir será apresentada dados da pesquisa, concepções das docentes do que entendem por sexualidade, como acontece as brincadeiras, a questão das cores, brinquedos e quais os possíveis impactos, discussões para o fazer profissional e educacional.

5 ACHADOS DA PESQUISA E PERCEPÇÕES DAS DOCENTES NA ESCOLA MUNICIPAL VILA GOIÁS.

Para início de apresentação, a partir do pensamento das professoras, cabe refletir sobre sexualidade, visto ser uma discussão, de certa forma complexa, possibilita inúmeras indagações, questionamentos, em que, muitas vezes, as construções sociais, da forma como se apresentam na sociedade, influenciam a maneira de entendimento de questões que debate sexualidade na educação:

Eu entendo que, é um termo amplamente abrangente, que engloba inúmeros fatores, que, eu acho também que é uma descoberta do próprio corpo, é... a sexualidade também é a identidade de gênero, papel de gênero, orientação sexual, é... entre outros, né? É porque a sexualidade ela é um tema, um termo bem abrangente pra ser definido. (SIMONE, 2021).

Então... pra mim, é, a sexualidade, ela é uma coisa assim, que não se refere ao gênero sexual, né? A sexualidade é o comportamento que as pessoas têm, é... o desejo, que as pessoas sentem, é... ou pelo sexo apostado ou por pessoas do mesmo sexo. Então a sexualidade é uma coisa que aflora, uma coisa que... que se tá no íntimo de cada pessoa. (ÂNGELA, 2021).

Eu acho assim, que sexualidade é um conjunto, né? De características, de comportamentos, de cada indivíduo, principalmente referente a... ao desejo sexual, né? Está muito ligada, tem muito haver, né? Com o desejo sexual dos seres humanos. (NÍSIA, 2021).

Simone (2021) traz diversos conceitos, ao abordar sexualidade, por exemplo, com orientação sexual ao ser algo mais pessoal, a forma como cada indivíduo se relaciona consigo, enxerga no mundo. Também passa pelo processo de descoberta do corpo, mas para além, seja

na vestimenta, comportamento. Já os papéis de gênero podendo ser entendidos enquanto construções históricas e culturais impostos pela condição de gênero que meninas devem agir de determinada maneira, meninos de outra.

Quando Ângela (2021) problematiza a questão, aborda que o sujeito pode construir a personalidade ao comportar-se da maneira como quiser, afinal, as pessoas são múltiplas na sua singularidade de viver, possibilitando, além de desejos, prazeres. Ao associar a sexualidade ao comportamento, torna possível o relacionamento consigo e com o outro. Então, percebe-se ao realizar as entrevistas, que o tema em questão, tem sido mal compreendido, poderia vir debater em sala, com uma linguagem acessível que as crianças possam entender, até pela faixa etária de educação infantil e fundamental maior.

Já Nísia (2021) refere-se o entendimento da discussão, ligado ao conjunto de características, de comportamentos, que passa pelo campo do desejo. Pois, as pessoas tendem a evidenciar e falar sobre a sexualidade o tempo todo como diria Foucault (1984) embora precisando “afirmá-la” e que em torno do debate existe várias produções de discursos seja na família, escola, igreja, dentre outras instituições da sociedade. E dando continuidade nas reflexões, as docentes foram perguntadas em relação as roupas e brinquedos podem induzir à construção da identidade de gênero e orientação sexual, segue alguns diálogos:

Não, eu acredito que não, roupas e brinquedos não influencia na construção de gênero e orientação sexual, não é devido uma roupa, ou um brinquedo, um menino brincar com a boneca, uma menina brincar com o carro, vai influenciar na construção da identidade, acredito que não. (SIMONE, 2021).

Eu acredito que um pouco, talvez não seja uma das principais, é... formas de se construir a identidade, mas eu acredito que ela influencia um pouco, né? Eu acredito que até uma certa idade crianças que... que brincam com qualquer coisa, com qualquer tipo de brinquedo, ele não vá, é... servir no desenvolvimento ou na construção da identidade dessa criança, mas eu acho que no desenrolar, ao passo que essa criança vai crescendo, eu acho que ela vai se despertando e vai sendo direcionada a brincar, a escolher coisa do seu gênero. (ÂNGELA, 2021)

Eu acho assim, que, se a pessoa já estiver com a personalidade formada, então a roupa não vai influenciar tanto, né? Mas assim [...] eu acho que o meio influencia muito a pessoa, se uma criança era criada desde novinha, né? É... com certos costumes, hábitos, aí, né? Vai, de certa forma vai interferir na personalidade, né? Esses atos, esses costumes, vão acarretar, vão formar personalidade de uma pessoa, né? Eu entendo assim (NÍSIA, 2021).

No entendimento de Simone (2021) a concepção sobre roupas e brinquedos não necessariamente determina no comportamento, maneira de agir. A mesma, afirma que, um menino vir brincar de boneca, ou menina de carrinho, bem como, usar roupas convencionadas socialmente para o sexo oposto, pode não influenciar nas construções de gênero ou outros

fatores, por exemplo, na orientação sexual. Contudo, Ângela (2021) reflete diferente, acha que os brinquedos e roupas em determinado momento, pode acabar tendenciando no comportamento e maneira de reconhecer-se, todavia, pensa não ser o terminante ou causa única. Mas no passar do tempo, em socialização entre demais pessoas, convívio, crescimento, que as brincadeiras vão sendo direcionadas, pois as normas impostas ao gênero, podem seguir modelos.

No caso de Nísia (2021) aborda um suposto determinismo¹⁰, em que tem o meio social, visto como natural, enquanto fator de influência. Ela, toca num ponto que chama atenção, se a pessoa tiver a personalidade formada, roupas e brinquedos, podem não interferir, no entanto, educados (as) em determinados costumes, hábitos, vai acabar contribuindo na maneira de expressar a personalidade. Entretanto, as crianças estão na fase de descobrimento, conhecimento e formação, dessa forma, talvez, não conseguirão ter opiniões ou condutas prontas. Acredita-se que a partir das novas discussões de gênero, vem abandonar o suposto determinismo e naturalismo biológico¹¹, pois o gênero pode ser interpretado como um fator que vem agregar vários elementos de personalidades, comportamentos¹² culturais, sociais. Então, questionadas se existem ações por parte da escola, gestão municipal ou coordenação local no combate do *Bullying*, ao preconceito e desigualdade de gênero, apresenta-se algumas respostas:

Especificamente, é... no preconceito e desigualdade de gênero, eu como professor sempre da educação infantil, é... nunca foi trabalhado um projeto, só específico pra preconceito e desigualdade de gênero, sim a gente trabalha *Bullying*, é... mas [...] na minha área que eu trabalho com educação infantil não foi desenvolvido nenhum projeto, mas pode ser algo a se pensar. (SIMONE, 2021).

Não, a escola que eu trabalho não há, então, na nossa escola, desses pontos aí, o que é mais trabalhado é a questão do *Bullying*, né? A questão do... do respeito que você tem que... os outro, realmente entram também a questão do respeito, mas o que é mais falado [...] é a questão do *Bullying*, né? [...] da criança ser mais gordinha ou da questão da cor, da questão de... do preconceito, é... pela posição financeira [...] ainda ver aqueles casos de crianças que... que têm preconceito com outra criança, usam a mesma roupa, ou que vem pra escola de maneira, é... com vestimentas diferenciadas, mas assim, em relação a desigualdade de gênero, não se trabalha na escola, não. (ÂNGELA, 2021). Eu não tenho conhecimento de nenhuma ação, né? Da gestão nesse sentido aí. (NÍSIA, 2021).

¹⁰ Em relação ao assunto, consultar PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

¹¹ Sobre a discussão ver Linda Nicholson. “Interpretando o gênero” **Estudos Feministas**, Vol. 8, nº. 2, 2000, p. 9-41.

¹² Para maiores esclarecimentos, consultar referência sugerida. Linda Nicholson (2000).

Conforme Simone (2021) expõe, o cotidiano em sala de aula, a escola não necessariamente vem trabalhar, especificamente, com questões sobre igualdade de gênero, mas que poderia pensar nessa possibilidade de inclusão. Já Ângela (2021) relata que ocorre caso de *Bullyng*, pela criança estar acima do peso, e também, pela condição social, vir para a instituição, às vezes, com a mesma roupa, ou então de maneira diferenciada. E Nísia (2020) não sabe, de existir qualquer ação no sentido da abordagem proposta. Então, a partir do contexto relatado, as docentes foram questionadas, se no momento da merenda, existe fila única para as crianças, e se na hora das brincadeiras, recreios, as meninas ficam juntas dos meninos e quais os tipos de brincadeiras existentes. Seguem as respostas:

Existe fila única, não é separado em momento algum na hora da merenda, na hora de sair pra o intervalo, não é separado, é fila única, sempre foi. (SIMONE, 2021). Não, não há... não há essa diferenciação na nossa escola, não, a fila é uma fila única, quando acontece, e todos entram na fila de acordo com a saída da sala de aula, independente que seja meninos ou meninas, não há, é... separação quanto a isso. (ÂNGELA, 2021). Na nossa escola, né? é... costuma fazer fila única, meninos e meninas, né? é tudo junto, a gente num separa não (NÍSIA, 2021).

Sim, sempre fica as meninas juntas dos meninos, sempre tem alguém monitorando, eles gostam muito de brincar de bola, as meninas também adoram bola, eles brincam de tica, de correr, meninas junto com meninos, entre outras brincadeiras, mas a gente nunca separou menina, vai brincar de casinha e menino vai brincar de bola, nunca foi separado. (SIMONE, 2021).

Sim, meninas e meninos brincam quando querem sem nenhum problema, até porque as brincadeiras acontecem geralmente na parte externa da escola, e... é mais brincadeiras de bola, queimada, brincadeiras de bola, pula corda, e assim, meninas brincam, quando acontecem essa separação já é uma coisa intuitiva deles, eles já saem separando, às vezes a menina quer entrar pra brincar de jogar bola e eles já não querem, já não deixam, porque já começam a dizer que não, “alí não é brincadeira de menina”, né? E, às vezes, um menino não quer entrar na brincadeira de roda porque diz que aquilo não é brincadeira de menino, então assim, quando há isso aí, é próprio da criança, não por empecilho ou por posição de professores ou adultos. (ÂNGELA, 2021).

Não. Os meninos e meninas no geral eles brincam, brincam juntos, só que assim, pela própria natureza, as meninas querem uma brincadeira mais leve, né? Os meninos já brincam mais, querem mais correr, esse tipo de coisa, só que existe meninas, né? Que são mais espertas e muitas vezes elas querem brincar também com os meninos, mas a gente mesmo não separa, não. Se existe a separação, mas pelo gosto próprio de cada um. (NÍSIA, 2021).

Para tanto, as respostas apontadas anteriormente, relatam que na hora da merenda, as crianças não ficam separadas, meninas de um lado, meninos de outro, deste modo, possibilitando haver mais interação, convivência. Não havendo nenhum afastamento por parte das educadoras e quando acontece as brincadeiras, é de forma “intuitiva”, sem querer, segundo relato da docente Ângela (2021) as meninas, em algumas ocasiões preferem jogar bola e os garotos falam “alí não é brincadeira de menina”, e às vezes, ocorre dos outros garotos

implicarem com o menino que entrar na roda de ciranda, dança, porque na concepção dos mesmos “aquilo não é brincadeira para garoto”, então, vem sendo construído no imaginário social de como deve ser, comportar-se e agir.

Ou seja, na percepção de Nísia (2021) é como se existisse uma natureza feminina¹³, assim, as meninas preferirem brincadeiras mais leves, os meninos optarem brincar de correr, e as meninas, consideradas mais espertas, em algumas ocasiões escolherem por ficar com ou próximo aos garotos. Em síntese, a partir das discussões teóricas e reflexões feitas é sabível que não existe gênero nas brincadeiras, cores e nem suposta natureza feminina. Meninas e meninos podem fazer o que quiserem, brinquedos podem ser para todos (as). Então, como pensar numa educação para gênero e diversidade, diante das provocações aqui apresentadas.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das problematizações, pode-se chegar a algumas conclusões a) primeiro as professoras relatam de não se trabalhar especificamente questões de sexualidade, pois as docentes sentem dificuldade em fazer distinção sobre o significado da mesma. Assim, nos relatos aparecem algumas más interpretações por parte das pedagogas quando falam sobre a discussão, ora remetendo a orientação sexual, ora a identidade de gênero. B) segundo, a partir das reflexões feitas, foi possível contextualizar que cores, brinquedos e brincadeiras não têm gênero, sendo fruto de concepção social e cultural. Assim, entendendo que certas realidades construídas podem ser modificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, a discussão na Escola Municipal Vila Goiás, de forma ampla, poderia ser melhor compreendida, se houvesse para as professoras, cursos, capacitações, palestras, maior diálogo por parte da gestão municipal que possibilite abordar em sala de aula temas transversais ao educar para a diversidade. A temática de gênero, ainda se faz, de certa maneira distante do contexto escolar e das professoras. Contudo, acredita-se que a pesquisa irá proporcionar maior visibilidade do diálogo, de subsídio para as docentes na educação, tendo suas particularidades,

¹³ Ver indicação de leitura. OAKLEY, Ann. Sexo e gênero. **Feminismos**, v.4, n.1, jan-abr. 2016, p.64-71. [Sex, Gender & Society. New York: Harper, 1972].

por se tratar de zona rural. Conclui-se que as análises aqui referidas são apenas o início dos desafios, possibilidades ao fazer profissional, pedagógico e educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal Vila Goiás. Ensino Infantil e Ensino Fundamental I. Planalto, Brasília, DF, 2020.

BUTLER, Judith. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **Feminismo, Diversidade Sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018. (Biblioteca Básica de Serviço Social; v.8)

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. A implementação perversa. In: FOUCAULT, Michel. **História Da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Cap. 2. p. 37-50. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

FOUCAULT, Michel. Aula de 22 de janeiro de 1975: as três figuras da anomalia. In: FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Cap. 3. p. 69-100. Tradução de Eduardo Brandão.

FOUCAULT, Michel. Não ao sexo rei. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. Cap. 15. p. 126-136.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

MINAYO, Maria. Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10ª ed. São Paulo: Hicitec, 2007.

SILVA, Carmen. Raízes das Desigualdades. In: **Cadernos de crítica feminista**. Reflexões feministas para transformação social. Ano I, nº. 0. dez. 2007. p. 148 – 157.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife, 1989, Mimeo. [Tradução: Christine Rufino Dabat & Maria Betânia Ávila]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 03 jul. 2021.